



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixos Temáticos:

1. INTEGRAÇÃO DAS SOCIEDADES NA AMÉRICA LATINA
2. EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LATINO-AMERICANO:
SUAS MÚLTIPLAS FACES
3. PARTICIPAÇÃO: DIREITOS HUMANOS, POLÍTICA E CIDADANIA
4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA
5. MEIO-AMBIENTE: QUALIDADE, CONDIÇÕES E SITUAÇÕES DE VIDA
6. CIÊNCIA E TECNOLOGIA: PRODUÇÃO, DIFUSÃO E APROPRIAÇÃO
7. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL
8. MIGRAÇÕES NO CONTEXTO ATUAL: DA AUSÊNCIA DE POLÍTICAS
ÀS REAIS NECESSIDADES DOS MIGRANTES
9. MÍDIA, NOVAS TECNOLOGIAS E COMUNICAÇÃO

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho 2012
Curitiba - Brasil

ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixo 4

“CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA”

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil

4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

MR4.1. Sociedade e Cultura de Fronteira

EMENTA

Esta mesa propõe-se a discutir fronteiras no Prata, contemplando diferentes temporalidades e espacialidades com enfoques voltados aos guaranis, às missões jesuíticas, aos migrantes dos séculos XIX e XX e às ideologias nacionalistas e de integração. Poderão ser trazidos ao debate estudos e reflexões que apontam para relações sociais transfronteiras, para vivências à margem das intencionalidades oficiais e de discursos hegemônicos. A composição da mesa proposta atentou para a inserção interinstitucional, para a interdisciplinaridade e vínculos com programas de pós-graduação que trabalham com fronteiras.

Coordenador: Valdir Gregory – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE - BRASIL)
Carmen Curbelo: Universidad de la Republica Uruguay - (UDELAR - URUGUAY)
Ernelo Schallenger – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE – BRASIL)
Jones Dari Goeter: Universidade Federal da Grande Dourados - (UFGD - BRASIL)
Ricardo Carlos Abinzano: Universidad Autónoma de Misiones – (ARGENTINA)

RESUMOS APROVADOS

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL LATINO-AMERICANO: O TRADICIONALISMO E A IDENTIDADE GAÚCHA (autor(es/as): Ana Carolina Rios Gomes)

O RAP ENTRE FRONTEIRAS: PRÁTICAS ESTÉTICO-MUSICAIS LATINO AMERICANAS (autor(es/as): Angela Maria de Souza)
REMANESCENTES DAS REDUÇÕES JESUÍTICAS DE NOSSA SENHORA LORETO E SANTO INÁCIO MINI NA PROVÍNCIA DO GUAIRÁ-1608-1639 (autor(es/as): BERENICE SCHELBAUER DO PRADO)

O CIRCUITO ROCKEIRO NA TRÍPLICE FRONTEIRA (autor(es/as): Franciele Cristina Neves)

A SOCIEDADE DE CONSUMO: ANÁLISES NA FRONTEIRA ENTRE BRASIL E PARAGUAI (autor(es/as): Luana Caroline Künast Polon)

Cortando a cerca: uma escola do campo frente a multiculturalidade contemporânea (autor(es/as): Lydia Maria Assis Brasil Valentini)

Movimento Hip-Hop como manifestação cultural: Uma análise do léxico de letras de rap em Foz do Iguaçu. (autor(es/as): RONALDO SILVA)

INTEGRALIZAÇÃO LATINOAMERICANA: AFIRMAÇÃO CULTURAL OU JOGADA IMPERIALISTA? (autor(es/as): Victor Alves Pereira)

Sankofá- Abaeté: Construindo diretrizes, resgatando nossas raízes (autor(es/as): Vilisa Rudenco Gomes)

SAÚDE SEM FRONTEIRAS - REDE BINACIONAL DE SAÚDE NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI (autor(es/as): Daniela da Rosa Curcio et alii.)

MR4.2. Apropriação, Usos do Território e Práticas Sociais Diferenciadas

EMENTA

Os trabalhos da presente mesa circunscrevem-se às pesquisas que vêm sendo desenvolvidas pelos participantes, que têm como referência diferentes sujeitos (quebradeiras de coco babaçu, quilombolas, ribeirinhos e trabalhadores rurais dentre outros) e práticas sociais, em distintos contextos. Os trabalhos explicitam diversos aspectos da problemática relativa à organização, apropriação e uso do território. O fio condutor das reflexões está referido às diferentes formas e estratégias utilizadas por esses sujeitos face às definições e redefinições recentes do território.

Coordenador: Joaquim Shiraishi Neto: Universidade estadual do Amazonas - (UEA - BRASIL)
Luís Fernando Cardoso e Cardoso: Universidade Federal do Pará - (UFPA - BRASIL)
Rosirene Martins Lima: Universidade estadual do Maranhão - (UEMA - BRASIL)
Ana Paulina Aguiar Soares: Universidade estadual do Amazonas – (UEA - BRASIL)

MEMÓRIAS DA GUERRA DO CONTESTADO- A CULTURA POPULAR ATRAVÉS DA RELIGIOSIDADE NO MONGE JOÃO MARIA DE JESUS EM MARILÂNDIADO SUL. (autor(es/as): Bruno Augusto Florentino)

DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E SUA INTERFACE NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DO MUNICÍPIO DE ROSANA-SP (autor(es/as): CLEDIANE NASCIMENTO SANTOS)

REFLEXÕES ENTRE A MANUTENÇÃO DAS IDENTIFICAÇÕES RURAIS E A INFLUÊNCIA DAS MODERNIDADES NA VILA DO DISTRITO DE GUARAGI - PONTA GROSSA (PR) (autor(es/as): FABELIS MANFRON PRETTO)

ÍNDIOS, TAPUIOS E “CABOCOS”. CULTURAS E IDENTIDADES MARGINAIS NA MANAUS DE ONTEM E HOJE. (autor(es/as): PAULO MARREIRO DOS SANTOS JÚNIOR)

TOPOFILIA & TOPOFOBIA – TOPOCIDIO & TOPO-REABILITAÇÃO: A MERCANTILIZAÇÃO DA CULTURA EXPRESSA NO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARQUITETÔNICO E URBANÍSTICO DE DIAMANTINA-MG (autor(es/as): RAHYAN DE CARVALHO ALVES)

ARELAÇÃO SER HUMANO/NATUREZA – REFLEXÕES A PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO. (autor(es/as): ROSANA BARROSO MIRANDA).

MR4.3. Territórios, Memórias e Identidades latino-americanas

As ciências humanas e em especial as sociais desenvolveram no século XX teorias e metodologias para compreender e explicar como se elaboraram concepções de territórios, memórias e identidades, sobretudo na produção intelectual latino-americana. Atualmente, os estudos de caráter socioambiental contribuem sobremaneira com esses avanços, especialmente se forem considerados os aportes da antropologia, da geografia cultural, da história, da psicologia social e da sociologia. Além de localizar esses avanços, é fundamental trazer para o debate os resultados das pesquisas realizadas com esses múltiplos enfoques entre as dimensões da natureza e da sociedade

Coordenação: Salete Kozel – Universidade Federal do Paraná - (UFPR – BRASIL)
Maria Geralda de Almeida: Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade de Goiás - (IESA/UFG – BRASIL)
Álvaro Luiz Heidrich: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – (UFRGS – BRASIL)
Sandra Valeska Fernandez Castillo: Universidad de Concepción - (CHILE)
Alicia M. Lindon Villoria: Universidad Autónoma Metropolitana - (UAM – MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

“OUTROS” IMAGINADOS: AS REPRESENTAÇÕES DOS CIDADÃOS LATINO-AMERICANOS SOBRE AS CIDADES PRÓXIMAS E DISTANTES (autor(es/as): **Carla Beatriz Santos Menegaz**)

100 Anos de História: Alguns Elementos Formadores da Identidade Cultural do Território do Contestado (autor(es/as): **FLAVIA ALBERTINA PACHECO LEDUR**)

Guimarães Rosa no labirinto chamado América Latina (autor(es/as): **iolanda cristina dos santos**)

Los lugares de Memoria como lugares de Aprendizaje, tres estudios de caso: Santiago de Chile y Medellín-Colombia” (autor(es/as): **Karen Andrea Vásquez Puerta**)

A FESTA KALUNGA DE NOSSA SENHORA DE APARECIDA: IDENTIDADE TERRITORIAL E REAPROXIMAÇÃO ÉTNICA (autor(es/as): **Luana Nunes Martins de Lima**)

REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS E SIMBÓLICAS: AS IDENTIDADES DAS FESTAS DO BOI-A-SERRA NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO (autor(es/as): **Maisa França Teixeira**)

A construção do Patrimônio Cultural a partir do imaginário da população de Marechal Cândido Rondon - PR: um estudo sobre o lugar de memória Casa Gasa (autor(es/as): **Paulo Henrique Heitor Polon**)

A INFLUÊNCIA DO TURISMO NA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL: O CASO DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO (autor(es/as): **Saulo Ribeiro dos Santos**)

IDENTIDADE E FÉ NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DE SERGIPE (autor(es/as): **Solimar Guindo Messi as Bonjardim**)

MR4.4. Espaço, gênero e sexualidades na América Latina

EMENTA

A mesa redonda tem como objetivo realizar uma reflexão sobre as relações de gênero que envolvem o processo de organização social, econômica e cultural dos territórios da América Latina, evidenciando as hierarquias e desigualdades baseadas nos papéis sociais insituídos para homens e mulheres.

Coordenadora: Joseli Maria Silva - Universidade Estadual de Ponta Grossa – (UEPG - BRASIL)

Marlene Tamanini: Universidade Federal do Paraná – (UFPR - BRASIL)

Diana Lan: Universidad Nacional del Centro – (UNC - ARGENTINA)

Maria das Graças Silva Nascimento Silva: Universidade Federal de Rondônia – (UFR – BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

A MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES E A CULTURA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS (autor(es/as): **ALEXANDRA PINGRET**)

PELOTÓN MARIANA GRAJALES: O OLHAR DA REVISTA MUJERES NO ANO DE 1971 (autor(es/as): **Andréa Mazurok Schactae**)

NA ARGENTINA TANGOS, NO BRASIL TRAGÉDIAS! LÁ MATRIMONIO IGUALITÁRIO, AQUI UNIÃO CIVIL (autor(es/as): **CHRISTOPHER SMITH BIGNARDI NEVES**)

ECONOMIA SOLIDÁRIA, RELAÇÕES DE GÊNERO E COLETADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL: LIMITES E AVANÇOS (autor(es/as): **Edinara Terezinha de Andrade**)

As mulheres do tráfico e a violência de gênero (autor(es/as): **Fernanda Pereira Luz**)

ARTICULAÇÕES EM REDE NA AMÉRICA LATINA: O CASO DE CDDLA E “CATÓLICAS PELO DIREITO DE DECIDIR” NO BRASIL (autor(es/as): **Francine Magalhães Brites**)

OS SUJEITOS NA MARGEM DA CULTURA - CONFLITOS NOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS LATINO AMERICANOS (autor(es/as): **Gustavo Luiz Ferreira Santos**)

Habilidades Sociais e Sexualidade: A construção Identitária na Adolescência (autor(es/as): **Priscilla de Castro Campos Leitner**)

AS UNIÕES HOMOAFETIVAS CONFORME O BLOCO DE CONSTITUCIONALIDADE E UMA PROTEÇÃO NORMATIVA GLOBAL: GARANTINDO DIREITOS HUMANOS (autor(es/as): **Rafael da Silva Santiago**)

POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCLUSÃO E PERMANÊNCIA DE LGBT NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO ESTADO DO PARANÁ: UMA REFLEXÃO SOBRE SUAS APLICABILIDADES NO CONTEXTO DA EJA E PROEJA (autor(es/as): **Reinaldo Kovalski de Araujo**)

O MEDO NA CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO DA PERIFERIA DE DIFERENTES ÁREAS URBANAS DE PONTA GROSSA, PR (autor(es/as): **RENATO PEREIRA**)

MR4.5. Sociedades Tradicionais: imagens, tempo, espaço e saberes sobre a natureza

EMENTA

Em sua interação com a natureza, com distintas conformações, as chamadas “sociedades tradicionais” ou as sociedades originárias, constroem, historicamente, em seu universo mental, imaginário e práticas ecoprodutivas, uma cultura própria que envolve o conhecimento e respeito aos ciclos e movimentos naturais, atribuindo significado à sua vida material e imaterial – aos espaços ou territórios de que fazem parte. Isso envolve ritmos de tempo diferenciados dos ritmos caracteristicamente produtivistas que regem as sociedades urbano-industriais, os quais se pautam, fundamentalmente, numa temporalidade cronometrada e aritmetizada – no tempo da fábrica. Contrapor essas diferentes culturas, em sua lógica própria, focalizando, particularmente, as imagens, ritmos temporais, territorialidades e saberes patrimoniais das “sociedades tradicionais” e/ou originárias, significa pensarmos numa política de futuro na qual se inscreva o grande legado que tais sociedades detêm no trato com a natureza, com base em sua cosmovisão, práticas e expressões culturais próprias, para a construção de novas formas societárias, numa síntese histórica, de futuros inéditos.

Coordenadora: Lúcia Helena de Oliveira Cunha: Universidade Federal do Paraná (UFPR – BRASIL)

Carlos Galano: Universidad Nacional de Rosario - (UNR- ARGENTINA)

Carlos Walter Porto Gonçalves: Universidade Estadual do Rio de Janeiro - (UERJ- BRASIL)

Liliana Porto: Universidade Federal do Paraná - (UFPR-BRASIL)

Arturo Argueta: Universidad Nacional Autónoma de México - (UNAM-MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

RESUMOS APROVADOS

MULTICULTURALISMO, TURISMO E COMUNIDADES TRADICIONAIS: CAMPOS DE COEXISTÊNCIA E VIVENCIALIDADE? (autor(es/as): **Isabel Jurema Grimm**)

Seringueiros do Acre - Imaginário e Paisagem Cultural (autor(es/as): Janaína Mourão Freire).

AS PAISAGENS CULTURAIS DO/NO ESPAÇO FESTIVO DA COMUNIDADE ENGENHO II EM CAVALCANTE – GOIÁS: UM OLHAR À LUZ DA GEOGRAFIA CULTURAL (autor(es/as): **JORGEANNY DE FATIMA RODRIGUES MOREIRA**)
RECONHECIMENTO DAS ICCAS (ÁREAS CONSERVADAS POR COMUNIDADES INDÍGENAS E LOCAIS) NAS POLÍTICAS DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL: DISCUSSÕES ATUAIS. (autor(es/as): **Luciene Cristina Risso**)

MR4.6. História e Literatura na América Latina

EMENTA

Na produção historiográfica recente, a literatura vem surgindo como uma fonte que oferece importantes recursos de análise da sociedade. Incorporada solidamente no conjunto de inovações de fontes, métodos e problemáticas que há algumas décadas transformaram a experiência da pesquisa histórica, a literatura está presente hoje numa pluralidade de estudos que pretendem compreender o intrincado universo das experiências mais subjetivas de homens e mulheres. Na América Latina a literatura tem ocupado importante papel no movimento da sociedade. Seja ela abordada desde o ponto de vista da materialidade do livro, da localização social do escritor, de suas “redes de interlocução”, bem como numa análise dos significados do texto, das representações da realidade que ele traz. Pensar a América Latina desde o ponto de vista dessa relação é a reflexão central que norteia o debate aqui proposto

Coordenadora: Ana Amélia de Moura C. de Melo: Universidade Federal do Ceará (UFC - BRASIL)

Tracy Devine Guzman: Duke University of Miami – (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA)

Soledad Falabella Luco: Universidad Diego Portales – (UDP - CHILE)

Adelaide Maria Gonçalves Pereira: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

Ivone Cordeiro Barbosa: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

Cartas de Nova York - José Martí Correspondente (autor(es/as): **Amanda Leite de Sampaio**)

O TURISTA APRENDIZ, DE MÁRIO DE ANDRADE VERSUS EL ZORRO DE ARRIBA Y EL ZORRO DE ABAJO, DE JOSÉ MARIA ARGUEDAS – UMA APROXIMAÇÃO LITERÁRIA E SOCIOLÓGICA NO PANORAMA LATINO AMERICANO (autor(es/as): **CRISTIANO MELLO DE OLIVEIRA**)

O espaço da ficção na identidade em invenção e memória, de Lygia Fagundes Telles (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Jorge Luis Borges e o Populismo Argentino (1946-1955) (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Bahia 1860: o Brasil de Maximiliano (autor(es/as): **Flávia Silvestre Oliveira**)

OS INTELLECTUAIS E A NOVA ATENAS: Um estudo das representações nas obras dos literatos maranhenses no início da Primeira República (autor(es/as): **PATRICIA RAQUEL LOBATO DURANS**)

MR4.7. - Interculturalidade, Identidades e Arte Latinoamericana.

EMENTA

A mesa propõe-se a discutir as questões anunciadas, do ponto de vista da crítica de arte e dos artistas, aqui representados por Hector Guido (teatro) e Pavel Egúez (artes plásticas). A partir do enfoque das políticas de subjetivação e suas interfaces (Suely Rolnik) e da interculturalidade que se acentua na resistência da arte em tempos globais, observada, sobretudo, nas zonas transitórias (Ticio Escobar), quer desencadear o debate sobre os recursos críticos e expressivos que se manifestam na arte atual da nossa América, frente ao “esteticismo brando” regido pelos mercados globais, que desvia o capital simbólico e gera territórios homogeneizados

Coordenadora: Mariza Bertoli – Universidade de São Paulo – (USP – BRASIL)

Maria José Justino: Escola de Música e Belas Artes do Paraná - (EMBAP-PR - BRASIL)

Ticio Escobar: Ministro da Cultura do Paraguai - (PARAGUAY)

Hector Guido: Diretor de Cultura de Montevideú - (URUGUAI)

Gustavo Pavel Egúez: Artista Plástico - (EQUADOR)

RESUMOS APROVADOS

Entre balas e belas - Comunicação e Moda nas favelas cariocas (autor(es/as): **Alexandra Santo Anastacio**)

PAISAGENS CULTURAIS E FRONTEIRAS (autor(es/as): **Beatriz Helena Furlanetto**)

INDÍGENAS: ENTRE REPRESENTAÇÕES E DISCURSOS (autor(es/as): **Eder Augusto Gurski**)

DE LA CULTURA ORAL A LA DIGITAL: SABERES, MEMORIAS Y NARRATIVAS EN LA TRANSCULTURA. PERSPECTIVAS DESDE LA UNIVERSIDAD INDÍGENA DE VENEZUELA (autor(es/as): **Fabiana Anciutti Orreda**)

O ATOR E O GRUPO: DISCURSOS SOBRE O TEATRO FEITO NA UNIVERSIDADE (autor(es/as): **JEAN CARLOS GONÇALVES**)

FESTAS POPULARES E SUAS REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS: LUGAR DE PROMOÇÃO DO PERTENCIMENTO E VALORIZAÇÃO DAS CULTURAS SUBALTERNAS. (autor(es/as): **Katia Maria Roberto de Oliveira Kodama**)

ASPECTOS DA ECONOMIA CRIATIVA NO MERCOSUL A Indústria Fonográfica como fator de aproximação entre Brasil e Argentina (2003 – 2011) (autor(es/as): **marcello de souza Freitas**)

SUSTENTABILIDADE CULTURAL: MANUTENÇÃO, CONSERVAÇÃO E DIFUSÃO DE PEQUENOS ACERVOS - RELATO DE EXPERIÊNCIA

(autor(es/as): **Rafael Schultz Myczkowski**)

FALA JUVENTUDE! UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE JUVENTUDE, CULTURA E LAZER (autor(es/as): Sandra Rangel de Souza)

O Autorretrato Ampliado (autor(es/as): **Terezinha Pacheco dos Santos Lima**)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil



**DE LA CULTURA ORAL A LA DIGITAL:
SABERES, MEMORIAS Y NARRATIVAS EN LA TRANSCULTURA
PERSPECTIVAS DESDE LA UNIVERSIDAD INDÍGENA DE VENEZUELA**

RESUMO

Este artigo relata algumas aproximações teórico-práticas para os usos e apropriação das tecnologias de comunicação e informação desde as lógicas e identidades indígenas, no marco institucional da Universidad Indígena de Venezuela. As discussões promovidas reuniram aspectos da visão indígena sobre a importância e o significado das tecnologias digitais da escritura que, diante dos cambios inter e transculturais, passam a promover a preservação de suas memórias e dos seus milenários saberes orais. O objetivo principal é constituir este um espaço de discussão entre os representantes dos povos E'ñepa, Huottöja, Jivi, Kuiva, Macu, Pemon, Pumé, Sanema, Shiriana, Warao, Ye'kwana y Yukpa, enfocando suas ideias e discursos sobre os atuais contextos de vida e as influencias dos recursos digitais de comunicação em suas culturas.

Palavras chaves: apropriação, tecnologias digitais, culturas indígenas, Venezuela

⊕ **SOBRE A AUTORA:**

Fabiana Anciutti Orreda.

Licenciada em Matemática e Ciência da Computação pela Universidade Federal do Paraná. Possui estudos de pos-graduação em Educação Ambiental, pela UNICENTRO – Universidade Estadual do Centro-Oeste e Formação em Psicopedagogia Clínica, pelo Centro de Estudos Psicopedagógicos Jorge Visca de Curitiba. Doutoranda do Programa de Comunicación y crítica de la cultura, linha de investigação "Construcción de Identidades Culturales en los Medios", na Universidad de Sevilla, Espanha. Profesora voluntaria da Universidad Indígena de Venezuela, entre 2007 e 2011, en Caño Tauca, Venezuela.

E-mail: fabianaorreda@gmail.com

⊕ **NOTA:** Este artigo somente foi possível construir a partir do diálogo com representantes das culturas indígenas reunidos na Universidad Indígena de Venezuela, com quem comparto respeitosamente a autoria destas linhas.



**DE LA CULTURA ORAL A LA DIGITAL: SABERES, MEMORIAS Y NARRATIVAS EN LA
TRANSCULTURA**

PERSPECTIVAS DESDE LA UNIVERSIDAD INDÍGENA DE VENEZUELA

Fabiana Anciutti Orreda*
Universidad de Sevilla
fabianaorreda@gmail.com

La apropiación de otras tecnologías ajenas como parte de la vida diaria de los indígenas no debe ser un mero afán para lucirse sino que nos debe llevar más allá. Tenemos que tener registrado nuestros conocimientos, y para eso hay que saber que la herramienta más importante que tiene el occidental es la escritura. Como pueblos indígenas hay que saber y tener conciencia que somos cultura oral y este método es muy frágil. Aunque tenemos también nuestra sabiduría, esta se va perdiendo y por tal motivo estamos amenazados de desaparición.

Kawamaru (U.I.V., 2007)

Esta reflexión producida por un joven representante del pueblo Pemon, estudiante de Universidad Indígena de Venezuela delinea puntos que concurren para la visión indígena sobre el significado de las tecnologías de la escritura, las interacciones con la cultura tecnológica y el mantenimiento de los saberes orales de las culturas indígenas.

Actualmente en diversos países de América Latina, las culturas indígenas pasan de la transmisión y elaboración orales de sus conocimientos tradicionales a los soportes digitales, como computadoras, videocámaras, cámaras fotográficas, celulares y otras tecnologías de la comunicación.

Esta ponencia trae algunas aproximaciones teórico-prácticas para los usos y la apropiación de las tecnologías de la información y comunicación construidas en el marco institucional de la Universidad Indígena de Venezuela - UIV.

La Universidad Indígena de Venezuela es una escuela de formación universitaria indígena pionera en Venezuela y en las tierras bajas de la Amazonía, y reúne jóvenes, líderes y ancianos de diversas comunidades de los pueblos E'ñepa, Huottöja, Jivi, Kuiva, Macu, Pemon, Pumé, Sanema, Shiriana, Warao, Ye'kwana y Yukpa. Está



localizada en el Caño Tauca, en el Municipio Sucre del Estado Bolívar, en Venezuela.

El objetivo general de este relato, resultado de un trabajo de investigación-acción, es construir un espacio de discusión con los pueblos originarios para la búsqueda de soluciones sobre el uso de los recursos digitales de comunicación desde las lógicas y las identidades indígenas.

Tejidos de pensamientos

El pensamiento indígena está relacionado de manera intrínseca con la *naturaleza*, el *territorio* y las *identidades culturales específicas*. Una aproximación sobre las premisas que componen la estructura de pensamiento indígena, se da a través del reconocimiento de estos pueblos en cuanto sujetos colectivos y comunitarios, de la identificación de sus cosmovisiones y creencias, sus universos espirituales, los valores y costumbres, las formas propias de organización social y fundamentalmente la relación con la naturaleza. Estas estructuras son desarrolladas principalmente dentro de los ámbitos de la comunicación en los idiomas maternos.

Para los indígenas el conocimiento deriva de su relación con el ambiente natural. Wesiyuma, (UIV, 2009), Ye'kwana, enuncia que *para nosotros los indígenas en la naturaleza está todo. Es la fuente principal de nuestro conocimiento. Sin ella no existimos.*

Los conocimientos y saberes derivan de la relación con la naturaleza, y están vinculados con las formas de comunicación que los pueblos desarrollaron con sus entornos tradicionales en las selvas y sabanas. A este respecto, el estudiante Puka Rafael (UIV, 2007), E'ñepa, comenta que *los ancianos nos enseñan que cuando se va de cacería hay que oír los pájaros pues nos dan información. Hay que saber escuchar la selva.*

La idea de que la naturaleza es el campo de los fenómenos que se realizan independientemente del hombre es completamente extraña a las culturas indígenas en general. Para ellos la naturaleza siempre necesita de un intérprete. Ya los conceptos que llegan de la tradición occidental están marcados por un naturalismo implícito que siempre incita a ver la naturaleza como una realidad exterior al ser humano. Realidad ésta que el hombre la transforma y transfigura. Habitados a pensar con las categorías recibidas por herencia, nos resulta particularmente difícil escapar de un dualismo tan profundamente arraigado. Para los indígenas no hay una dicotomía entre los dos mundos: el mundo cultural de la sociedad humana, y el mundo de la naturaleza, de las plantas y animales, ríos y montañas.



Estos conocimientos colectivos están relacionados muy estrechamente con la educación propia desarrollada por las culturas y con los modos como estos saberes son transmitidos históricamente por estos pueblos. En el origen de la humanidad, y en las culturas, no había educación forma como una actividad especial en la vida de los niños que crecían dentro de la comunidad (Maturana, 2003, p.163). Los niños aprendían todas las prácticas y dimensiones relacionales de su vida como miembros de una comunidad, viviendo todas sus dimensiones en su vida diaria. Sin embargo, mismo con la importación de escuelas y técnicas pedagógicas occidentales, algo de la educación tradicional se ha mantenido presente en las comunidades indígenas. Para los Huottöja, discurre Riyocu, (UIV, 2010), *la educación, que venía de nuestros padres y abuelos, era durante el trayecto, durante el camino. Nos enseñaban el cuento, leyenda, música, y luego la artesanía. Ahora recibimos educación en un sitio cerrado, en el salón con pupitres. En aquel momento no teníamos el pupitre, estábamos en contacto con la naturaleza. Hay que complementar y profundizar en el eje transversal con la otra cultura, pero sin pérdida de lo esencial de nosotros.*

Juega papel fundamental en la identidad y en los procesos de la educación propia los cuentos, leyendas, la mitología y las narrativas de cada pueblo. Marakada, (UIV, 2010), Pemon, comenta que la mitología de su pueblo *está compuesta de diferentes cuentos: puede ser chistoso, o puede decir las historias reales que pasaron. Por los cuentos lo definimos todo, porque de ahí nosotros explicamos cómo venimos, quiénes somos y hacía dónde vamos.*

Así, las narrativas y el ejercicio de percepción y recepción de los cuentos, leyendas y otros conocimientos poseen un papel relevante en estas culturas orales, y tienen la función de ir configurando y reinterpretando las vivencias sedimentadas en la memoria. La memoria, activada por la conciencia cultural sustantiva los procesos de la identidad, se caracteriza como algo en movimiento constante de resignificación en las interacciones con el mundo.

Todos los elementos de la identidades indígenas están relacionados entre sí. A cerca de la espiritualidad, entendida como un amplio conjunto de saberes ancestrales, Ejewekuni, (UIV, 2009), Ye'kwana, sostiene que *se usan conocimientos espirituales en la elaboración del conuco. Se hacen oraciones para que el conuco rinda más y son las mujeres que utilizan los ritos espirituales para su elaboración. La espiritualidad indígena está presente también en la construcción de las casas. Hacemos ceremonia para agradecer a los dueños de los materiales que utilizamos en las construcciones. Nuestra espiritualidad es vista en la selva, en los ríos. Es usada en la cura de enfermedades.*



Antes de salir al río recitamos canciones que nos hacen llegar más rápido y seguros al destino.

Los hilos de estos pensamientos de los representantes de los pueblos que se encuentran en la UIV, forman un tejido de ideas claves, necesarias para la comprensión de los pensamientos indígenas. Kawanaru (UIV, 2009), Pemon, afirma que vivir en interculturalidad exige conciencia y compromiso desde la cultura indígena hacia la importancia de los saberes ancestrales. Él reflexiona que: *hablar de la importancia de los saberes ancestrales en la comunidad no es tarea sencilla, y es algo de difícil comprensión entre los más jóvenes. Estamos llamados hacia un gran reto. Conociendo todos estos valores, ¿cómo plasmar todo ese conocimiento en las sociedades indígenas? La idea no es encerrarnos. Somos amantes de la interculturalidad, del diálogo entre civilizaciones. Buscamos estrategias para defender la vida, pues estamos en una amenaza de la cultura dominante, que quiere englobar las culturas. Englobar significa que todas las culturas sean únicas, en la calidad que todos tengan las mismas necesidades, coman la misma comida, usen la misma ropa. Debemos ante a eso ser una expresión de fortaleza y de resistencia.*

Estas consideraciones manifiestan que el vivir en la interculturalidad es una oportunidad de verse a sí mismo, para luego identificar lo que hay de especial, único y propio en las culturas indígenas. Es relevante considerar que primero está la tarea de mirarse y reconocerse a sí mismo en las alteridades. Luego identificar las relaciones con la naturaleza, las tecnologías y saberes propios. Cumplido este proceso crítico y desde estos reconocimientos, los usos de las tecnologías externas, será menos devastadora de valores tradicionales. Esta idea sostiene y refuerza las orientaciones de apropiación de tecnología de esta investigación. Entre tanto, a partir del proceso de reconocimiento de alteridades ni siempre derivan oportunidades armónicas y positivas para las culturas indígenas. El reconocerse distinto puede generar rechazo y adopción de las otras formas de ser y pensar.

Estas mezclas informativas, culturales, artísticas y estilísticas, se manifiestan en las culturas indígenas. Afirma Emjayumi (UIV, 2010), del pueblo Ye'kwana, *casi todos los pueblos indígenas viven problemas con la invasión de lo foráneo.*

Aunque se reconozcan desafíos, muchos indígenas conscientes no alimentan la idea de que sufren la exclusión tecnológica. Para ilustrar esta cuestión, se presenta otra reflexión Kawanaru (UIV, 2007), Pemon, que explica algunos estereotipos que se les imponen desde miradas occidentales, valora la identidad comunitaria y los saberes de su pueblo, hace la crítica de la cultura y propone la integración natural de herramientas



interculturales. Aboga Kawanaru que *Internet en el seno de las culturas indígenas, la veo como una revolución. Es una invención del hombre, que tenemos a disposición actualmente, es una herramienta increíble de la que nadie ha podido escapar. Para nosotros esto es algo nuevo, apenas estamos conociendo y quedamos sorprendidos. Con esto no quiero decir que hemos estado excluidos, porque en nuestra cultura no existe esa palabra. No hay diferencias, ni superioridades en nuestro vivir diario. Hemos guardado desde siempre algo de humano, de igualdad, de hermandad y de comunidad, valores que nos han identificado hasta estos momentos.*

Rämë (UIV, 2010), líder del pueblo Huottöja, hace una orientación para la apropiación de las tecnologías por las culturas indígenas: *para usar tecnologías del mundo occidental primero debemos saber mucho de nosotros mismos para luego conocer a otras tecnologías. Antes de utilizar las tecnologías el indígena tiene que identificarse con su cultura. Para que sea utilizada adecuadamente de una forma desde la cultura e identidad. Porque de nada valdría utilizar la tecnología para su propio servicio. La tecnología es algo que se necesita compartir para que las ideas actuales penetren en las comunidades indígenas, y para que vaya a la vez fortaleciendo nuestras formas de vida. Las apropiaciones de tecnologías deben ser para compartir y difundir sus ideas. Porque la cultura nuestra, la biblioteca nuestra está desapareciendo. Tenemos que usar estas nuevas tecnologías para conservar nuestra cultura, nuestro sistema de producción, nuestras asistencias, nuestras cosmovisiones.*

Las culturas indígenas pasan de la transmisión oral de conocimientos tradicionales a la elaboración electrónica de sus pensamientos con ordenadores, videocámaras, cámaras de fotografías y otras tecnologías. La pauta de la discusión crítica para usos intensivos de las tecnologías digitales en los espacios de la UIV intenta romper con patrones impuestos y construir una reflexión auténtica, fortaleciendo un sistema de información híbrido de las culturas. En la concepción del sistema de información es esencial una comunicación solidaria que genere una cultura híbrida.

Mini (UIV, 2009), Pumé, sigue diciendo que *debemos investigar la historia recopilar todo el conocimiento luego plasmarlo en papel. Para no dejar morir la cultura podemos investigar la historia de nuestro pueblo, recuperando el conocimiento de los ancianos. Los Pumé, también afirman que las tecnologías propias se están perdiendo poco a poco. Antes no existían las herramientas que usamos hoy, pero los ancestros tenían su tecnología básica, sabían cómo construir su casa, sus costumbres. Fueron una gente sana que no tenían enfermedades, pero ya hoy en día se ve que hay mucha enfermedad que perjudica las comunidades por las herramientas nuevas que llegaron y*



que no sabemos identificar lo malo que se nos presentan, que nos ofrece la otra cultura. Sobre la apropiación creo que debíamos unirnos todos los indígenas que existen en Latinoamérica. Nos hemos adaptado demasiado a la cultura dominante.

El pueblo Kuiva, representado por Botoro (UIV, 2009), explica que *las herramientas modernas nos estamos apropiando inocentemente, como el televisor, grabador, teléfono. Es importante también ver el televisor, pero no para ver una mala película, sino que una que nos haga reflexionar. El grabador también es importante pero hay que saber utilizar para grabar la música nuestra. El teléfono también es útil para comunicar con nuestra familia. Es muy complejo ver hacía el futuro. Estamos reconstruyendo la conciencia. Nosotros mismos podemos construir una escuela pero para enseñar nuestra cultura, nuestra historia y nuestra mitología, para que las generaciones sean educadas desde nuestra cultura.*

Aparato Teórico Conceptual

La base teórica de la investigación relaciona cuatro ejes fundamentales que son: pensamiento indígena, interculturalidad y descolonialidad del saber, comunicación y tecnología, y educación indígena.

Para desarrollar este proyecto participamos de una vasta investigación de campo bajo la metodología de la pesquisa participante, en los ámbitos de la comunicación y cultura, en la Universidad Indígena de Venezuela, entre los años de 2007 y 2010. Esta metodología asume colectivamente que las respuestas para mantener los conocimientos desde las culturas sólo pueden ser construidas por los indígenas en sus procesos de diálogo y conscientización.

La metodología empleada en este trabajo establece la relación entre investigación y acción como una forma de compromiso que alcanza una dimensión comunicativa, social, política, cultural, ética, y que promueve el retorno de la información a los grupos participantes. La devolución de la información a los grupos adquiere, en este caso, el sentido de la capacitación colectiva (Thiollent, 2004, p.123). Por lo tanto, considera el conjunto de los actores involucrados en la elaboración de debates y acciones colectivas, que conducen a una metodología de investigación participante en los espacios de encuentro de los pueblos mencionados.

Los elementos simbólicos de la cultura dominante, que están cada vez más presentes en las comunidades indígenas de las selvas y sabanas, traen ideologías que sirven a intereses particulares que tienden aparentemente a presentar como intereses



universales y comunes. Esta cultura dominante colabora para una integración ficticia de la sociedad en su conjunto, y también para la legitimación del orden establecido por medio de las clasificaciones y jerarquías necesarias para el mantenimiento de su *status quo* (Bourdieu, 2009, p.45).

El proyecto de la cultura dominante de valoración de las jerarquías y de la promoción de la violencia de las clasificaciones a través de mecanismos de la comunicación promueve la desintegración de las particularidades de cada cultura. Una alternativa para superar las imposiciones de la cultura envolvente puede ser el ejercicio de refuerzo de las identidades culturales en el colectivo de las diferentes pueblos indígenas.

Las bases de los pensamientos indígenas están relacionados de manera intrínseca con los territorios ancestrales. Estos pueblos son sujetos colectivos y comunitarios, poseen distintas cosmovisiones y creencias, valores y costumbres, formas propias de organización social y su principal espacio de saberes es la naturaleza. Sus pensamientos y lógicas se presentan en las estructuras desarrolladas en los ámbitos de la comunicación oral desde los idiomas maternos.

Las narrativas y el ejercicio de percepción y recepción de los cuentos, leyendas y otros conocimientos poseen un papel relevante en estas culturas orales, y tienen la función de ir configurando y reinterpretando las vivencias sedimentadas en la memoria. Aunque los pueblos de cultura oral vienen apropiándose de la escritura en su propio idioma, sus saberes indiciarios – de la caza a la medicina – son cultivados en el ejercicio de los sentidos (Ford, 1994, p.54).

En este sentido, todas las tecnologías digitales pueden generar importantes recursos que promuevan la transmisión de las informaciones, así como facilitan los procesos de construcción de conocimientos. La distinción constructivista de las herramientas informáticas y de comunicación forma parte de un ambiente educativo interdisciplinario. El uso inteligente de las tecnologías de comunicación en educación deberá ser orientado a la producción de saberes en la forma de un espiral de conocimientos con fases de *Descripción - Ejecución - Reflexión - Depuración* (Valente, 2002, p.95). Este proceso coopera con la filosofía adoptada en la UIV de *Ver - Pensar - Hacer - Analizar* y luego *Re-elaborar* el proceso, avanzando en las soluciones (UIV, 2007). Los procesos de aprendizaje exigen interacción y creatividad, y son efectivos si desarrollados en ambientes comunitarios.

En contextos de la interculturalidad y de la hibridación cultural, el progreso tecnológico y los medios modernos de comunicación pueden acelerar el proceso final de desaparición de las expresiones culturales de un pueblo, una vez que promueve



desarticulación y pérdida de sus identidades (García Canclini, 2001, p.197).

La comunicación moderna recurre a los soportes más variados, desde el video, la radio, el teléfono, pasando por el tradicional papel, hasta las redes digitales en Internet. Todos los multimedios revolucionan las formas de comunicación tradicional. En la comunicación indígena tradicional, la oralidad es uno de los elementos de las identidades originarias más relevante. También están presentes en estas culturas las formas tradicionales de comunicarse a través de la interpretación de los sueños y de los espíritus.

La transcultura, en la connotación usada en este estudio, forma parte de la nueva episteme. Esta episteme se caracteriza como el propio intercambio acelerado e incesante de valores, categorías y universos simbólicos cada vez más desarraigados de sus matrices culturales originarias ya en disolución, y supone la quiebra de cosmovisiones verticales y de tradiciones milenarias. (García Gutiérrez, 2011, p.40)

La tecno-lógica es ella misma un concepto universal y cultural. Los recursos de las tecnologías de la información, bienes culturales universales, son usados por los indígenas para reafirmar sus propias identidades culturales específicas. El uso de las tecnologías digitales se remite a la reconstrucción de la memoria y la vida cotidiana de estos pueblos. Las tecnologías de la comunicación que durante milenios fueron producto *ad hoc* de cada cultura territorial, las geoculturas, por primera vez en la historia están siendo colonizadas por un espacio hegemónico, lo digital, desde donde se dictan los nuevos patrones simbólicos de una nueva cultura global, descatalogada e inclasificable.

La descolonialidad del saber (Mignolo, 2010, p.20), es una alternativa urgente al reconocimiento y aceptación de otras formas de producir saberes, imágenes y símbolos, característica de estas culturas. La descolonialidad se reivindica desde la alteridad negada históricamente. Frente a esta realidad histórica hay varias opciones: adaptarse y asimilarse o resistir, estar contra y re-existir, esto es, trabajar crítica y creativamente junto a procesos en marcha de alternativas epistémicas plurales.

Es evidente que para realizar efectivamente un proceso descolonial, hay que valorar el modelo ancestral de las culturas originarias de relación con el territorio. Este es el punto vital en la reivindicación de los pueblos indígenas. Estas otras formas de relación con el territorio no están vinculadas con la explotación económica de recursos naturales. Los movimientos indígenas de emancipación cultural son un gran desafío en los tiempos actuales, una vez que están bajo las colonialidades, que les dicta nuevos valores y promueve divisiones políticas.

Las comunidades indígenas deben ocuparse en desarrollar sus propios sistemas de educación, de información y de comunicación para generar respuestas y



conocimientos frente a problemas concretos y significativos de su realidad. El desarrollo de estas comunidades indígenas se concentra en facilitar una dinámica horizontal (Lenkersdorf, 2008, p.23), que les permite apropiarse colectivamente de las tecnologías digitales para que genere y mantenga la capacidad de narrarse y de construir un “nosotros” autodeterminante y no derivado de imposiciones externas.

Principales conclusiones: asambleas indígenas en Caño Tauca

Las incursiones foráneas en América a partir del siglo XVI, y actualmente, provocan otra forma de organizar el territorio, otra lógica de desarrollo y formas de vida muy distintas a de las culturas originarias. Después de siglos de invasiones se mantienen las mismas reivindicaciones de sus ancestros: las garantías de los derechos a la tierra y a una educación propia.

Las culturas indígenas pasan por procesos de hibridación cultural, que conllevan una creciente yuxtaposición y sedimentación de valores y costumbres de origen tanto autóctono como foráneo. Estos nuevos valores a veces entran en colisión con los valores tradicionales de las identidades indígenas.

La Universidad Indígena de Venezuela asume, en estos contextos, el desafío histórico de fomentar una amplia discusión sobre la educación indígena propia, donde la apropiación de la escritura y de las herramientas tecnológicas de la interculturalidad no se desvinculan de los proyectos de vida en la naturaleza y del profundo sentido de los valores indígenas, de las oralidades, los conocimientos propios y las cosmovisiones. Desde el proceso histórico vivido por las culturas originarias, deben desarrollarse estrategias de descolonialidad del saber.

Es consenso que estas culturas deben beneficiarse de los bienes universales que facilitan sus actividades cotidianas. Por lo tanto, hay que establecer las metodologías propias, que se desarrollen y se perfeccionen en los cánones de las culturas indígenas. La definición de matrices educativas propias a partir de las lógicas y cosmovisiones indígenas debe ser un reto que garantiza la autenticidad de las apropiaciones interculturales.

Como punto clave se destaca la necesidad de superación de la visión estereotipada acerca de las culturas indígenas, que sigue vigente en el mundo occidental, en diversos espacios de formación de opinión, inclusive en universidades occidentales tradicionales, y en el pensamiento producido por algunas de ellas. La comunicación en las



culturas indígenas ocurre de distintas formas, a través de otros mecanismos y otras temporalidades. Los indígenas no viven en las urgencias, aun cuando saben que es perentorio la concretización de sus proyectos de autodeterminación. Para apoyarlos efectivamente y estar con ellos, hay que saber escucharles desde una *sensibilidad indígena*.

Destacamos la importancia del desarrollo de la conciencia en todos los sentidos, en especial desde la unión de todos los pueblos indígenas y aliados, a través de estrategias y acciones compartidas, a fin de garantizar la autonomía y la libertad en sus espacios de vida tradicionales. A partir de estos asertos, propuestas para revertir el cuadro de degradación de las culturas originarias han sido debatidas en el proceso de la investigación-acción que promovió la participación activa de los miembros de las etnias indígenas presentes en la Universidad Indígena de Venezuela. Desde el respetuoso diálogo con los académicos y representantes de las comunidades, se construyeron líneas directrices para la discusión de la apropiación de tecnologías digitales.

Una de las principales cuestiones que se plantea es: ¿cómo fortalecer las culturas tradicionales en las comunidades indígenas a través de los nuevos recursos tecnológicos y didácticos de información y comunicación? Para alcanzar ese fin, ¿qué directrices para el uso de estos recursos pueden servir al modelo pedagógico de la Universidad Indígena de Venezuela y otras universidades indígenas que buscan valorar sus modelos autóctonos de educación?

El marco de la educación y pensamiento indígena considera que las culturas originarias son fundamentalmente orales: los conocimientos, mitos y tradiciones son transmitidos de generación en generación a través de las historias contadas de abuelos abuelos a nietos, padres a hijos, usando complejos recursos narrativos. Estos conocimientos son los fundamentos lógicos del pensamiento y cosmovisión indígenas, que permitieron la comunicación e interacción entre comunidades y también con el mundo de la naturaleza durante milenios.

Un planteamiento clave para las directrices de usos de tecnologías en la UIV, lleva a desconsiderar todos los estereotipos occidentales sobre las identidades y las culturas indígenas. Como se ha mencionado, la tradición oral ocupa un espacio importante dentro de la ubicación simbólica de las culturas indígenas. Cabe aquí comentar que, cuando en los discursos la UIV se usa la expresión “mantenimiento” o “mantener la cultura”, ello no significa una evocación del pasado o aún que las culturas indígenas no vivan procesos propios de innovación.

Las directrices se redimensionan y se expanden desde las experiencias y



reflexiones de los indígenas de la UIV. A partir de la identificación de estos procesos se adquieren nuevos argumentos para orientar el quehacer con las mezclas de las memorias tradicionales y las innovaciones tecnológicas.

Los usos de las tecnologías digitales de comunicación e información en la UIV sirven propiciar una auténtica educación intercultural, donde los estudiantes puedan realizar sus tareas prácticas de la formación académica a fin de que se conviertan en los protagonistas de sus aprendizajes. No hay un modelo formal para los usos de estas herramientas, pero las alternativas para el ejercicio de apropiación de las tecnologías de la comunicación e información que se vayan adoptando deben pasar por procesos de diálogo, escucha, creatividad y de producción de subjetividad. Para cada nueva tecnología se debe promover la reflexión y la construcción de estrategias de usos culturales desde los universos indígenas y sus cosmovisiones. La reflexión crítica y los discernimientos deben ser construidos desde una matriz cultural indígena.

Las directrices de apropiación de las tecnologías desde las culturas originarias en la UIV siguen dos caminos que están intrínsecamente relacionados y llevan al mismo objetivo final y complementario: afirmación cultural de los culturas indígenas. El primero es el mirar hacia sí mismo a través de los procesos internos de producción de literatura indígena, de los ambientes de aprendizaje colaborativos y de la organización de la información. El segundo es el mirar hacia fuera, primeramente hacia las comunidades indígenas, donde se establecen y fortalecen las redes entre estos grupos sociales y las organizaciones de los pueblos, y entre las asociaciones con aliados, que apoyan la ampliación de la visibilidad cultural y las luchas por los derechos de estos pueblos originarios.

Las directrices que se enumeran en la secuencia, según los sujetos de la Universidad Indígena de Venezuela, constituyen temas claves para los ejercicios de apropiación de tecnologías para los pueblos indígenas allí representados. En este sentido, son relevantes las discusiones sobre las identidades indígenas y las tecnologías digitales, los saberes y tecnologías ancestrales, su acción en las comunidades, los derechos colectivos de los pueblos, la formación de líderes indígenas y su capacitación tecnológica, la escritura de las culturas orales respaldada por la edición de textos, la producción audiovisual, y la memoria digital, la demarcación de los territorios originarios, la integración en la red mundial de computadoras, la promoción de las redes indígenas solidarias, la efectivación de los proyectos comunitarios de etnodesarrollo y la sistematización de procesos académico-administrativos

A continuación se presenta una descripción inicial y algunas orientaciones



básicas sobre las directrices elegidas, que deberán ser profundizadas a través de ulteriores procesos de participación efectiva y dialógica entre los pueblos indígenas, sujetos de la apropiación de tecnologías.

Acerca de las **identidades indígenas y las nuevas tecnologías** la idea principal es que lo que se incorpore de nuevo, lo tecnológico, particularmente las herramientas occidentales de comunicación, debe partir de reflexiones críticas desde las identidades indígenas. Toda acción de apropiación de tecnologías occidentales, entre ellas la escritura, deberá pasar por una reflexión profunda desde las matrices culturales. Las identidades indígenas están íntimamente relacionadas con el conocimiento de la naturaleza, lo cual requiere garantizar la soberanía sobre los territorios originarios. Más allá de todo lo que podemos observar y leer sobre identidad, lo que expresan los pueblos indígenas representados en la UIV es que necesitan vivir en la selva, junto a la naturaleza, necesitan tener su educación propia, mantener su organización política tradicional y su idioma, y aprender a usar todas las herramientas occidentales que les apoyen en estos procesos para fortalecer su proyecto de vida y felicidad. Por lo tanto, la apropiación supone un proceso de permanente discusión de los valores culturales de cada pueblo en sus comunidades.

La siguiente directriz es la que promueve los **saberes y tecnologías ancestrales**. Los usos de las nuevas tecnologías de la comunicación y la información, como Internet, no deben convertirse en un elemento de ruptura del pensamiento indígena. Las tecnologías son herramientas que deberán ser usadas para rescatar, registrar y mantener las formas de conocimiento oral y ancestral de esos pueblos, además de permitir que realicen el ejercicio autónomo en la interculturalidad. Las sociedades orales deben dedicar gran energía a repetir en la práctica lo que se ha aprendido arduamente a través de los siglos.

La reflexión que se debe propiciar es: el registro, mediado por tecnologías, de los saberes propios de cada cultura no es suficiente para mantener las culturas vivas; estos saberes deben ser practicados en las comunidades. Hay que establecer todo lo que se puede registrar usando grabaciones, fotografías y comentarios acerca de cómo se desarrollan sus tecnologías ancestrales para la construcción de las churuatas y malocas, de las curiaras, botes y balsas usadas en las diferentes culturas para desplazarse, la preparación de sus comidas tradicionales, la confección de las cesterías y tejidos típicos, los usos de la medicina tradicional, etc.

En cuanto a la **acción en las comunidades**, las tecnologías deben servir para promover y ampliar la conciencia cultural. Las producciones audiovisuales y escritas que



se incorporen en las dinámicas de las comunidades deberán servir para restaurar los sistemas tradicionales comunales. Los usos de tecnología deben contener los valores del sistema comunitario tradicional de los pueblos indígenas, además de reforzar el papel de los sujetos colectivos.

Los estudiantes necesitan tener acceso y producir materiales y documentales para que sean exhibidos y discutidos en las comunidades durante el período de sus investigaciones de campo. Hay que fomentar una cooperación que permitan a los estudiante confrontar, confirmar y re-elaborar las conjeturas e ideas aprendidas, revisarlas junto a los otros miembros de sus comunidades. Esto significa resaltar los procesos subjetivos de las culturas e insertarlos de forma activa en sus comunidades.

Las tecnologías deben estar al servicio de la información, la reivindicación y articulación para el reconocimiento de los **derechos colectivos de los pueblos**. Los conocimientos ancestrales son insuficientes para resistir y luchar por los urgentes derechos colectivos de los pueblos indígenas. Hay que incorporar nuevos recursos y estrategias comunicativas como Internet, la radio y la TV, de modo a formar la opinión pública, informar las comunidades sobre las situaciones que enfrentan los pueblos tradicionales y auxiliar en los procesos de soluciones.

Otra directriz es la que orienta la apropiación de tecnologías específicamente en la **formación de líderes indígenas**. Esta directriz deberá enumerar los conocimientos tecnológicos necesarios que un líder indígena deberá adquirir para fomentar los proyectos y reivindicaciones en sus comunidades.

La **escritura de las culturas orales** debe ser discutida con profundidad, pues promueve un cambio importante en la forma de ser indígena. La UIV plantea el desarrollo de la escritura en los idiomas de cada uno de los pueblos originarios, como instrumento indispensable al proceso de conscientización, culturalmente revitalizador y fructífero. La producción cultural escrita podrá democratizar los conocimientos y usar métodos menos frágiles para la preservación y evolución de estos saberes ancestrales. Esta directriz general deberá orientar la elaboración de informes de clase, de trabajos de campo y de materiales didácticos, a fin de promover la producción creativa de libros, diccionarios y recursos educativos escritos y audiovisuales para las escuelas de las comunidades, a fin de proporcionar una auténtica educación indígena. Por eso es importante valorar el nivel de creatividad y asimilación de lo externo que estas culturas han mostrado a lo largo de su historia. Hay muchas posibilidades de uso de las herramientas tecnológicas de la escritura para registrar el conocimiento de sus culturas: historia, mitos, leyendas, cosmovisiones, literatura, etc., con la finalidad de mantener y desarrollar las lenguas



autéctonas, descolonizando la escritura.

Articulada con la directriz de la escritura está la **edición de textos**. Todos los materiales producidos en las investigaciones sobre variados temas culturales que los jóvenes indígenas desarrollan en sus comunidades se convierten en materiales didácticos que serán utilizados en las escuelas indígenas de las comunidades. Estos recursos escritos por los indígenas constituyen una importante alternativa a los textos didácticos foráneos, posibilitando la formación de bibliotecas indígenas desde sus propias lógicas y lenguas.

Las directrices sobre la **producción audiovisual** deberán orientar los modos de producción documental y ficcional de las culturas indígenas a partir de las videocámaras, cámaras de fotos, grabadoras de voz, etc., y también de la programación musical y de información a través de emisoras de radios comunitarias indígenas. Este aspecto está directamente vinculado a la escritura. Los aparatos de producción audiovisual constituyen un importante instrumento de comunicación: las producciones orales y visuales alcanzan sensiblemente las personas. Estos lenguajes audiovisuales facilitan el camino hacia niveles de comprensión más complejos y abstractos, y son instrumentos imprescindibles en el mantenimiento de los conocimientos ancestrales.

La discusión sobre la **memoria digital** de los pueblos indígenas también se halla asociada a la escritura, a la edición de textos y a la producción audiovisual. Es preciso crear un acervo de memoria que pueda transmitir a los pueblos y a las comunidades indígenas todas las informaciones acumuladas y producidas a lo largo del tiempo. Dentro de esta propuesta se implementarán rutinas eficientes de respaldo de datos en laboratorios de informática. Un espacio de documentación deberá ser organizado para archivar las imágenes, filmes y fotografías, las producciones de audio y todos los materiales escritos en cualquier medio digital. También se promoverá la obtención de materiales relacionados con los temas de estudio que estén vinculados con la cuestión de los pueblos indígenas y de sus culturas. Cabe recordar el punto que venimos destacando, se vive un momento de cambio del archivo cultural de los pueblos indígenas, cuya memoria oral se está traduciendo parcialmente a la memoria digital. En este sentido hay que promover discusiones y consensos.

La directriz que trata de los **proyectos de demarcación de los territorios originarios** constituye una de las más críticas. La autodemarcación de los territorios, que poseen carácter sagrado, exige el diseño de cartografías autóctonas y su traducción a través de medios digitales. Para ello se usan herramientas de georreferenciamiento para construcción de la información cartográfica. Los procesos jurídicos de solicitud de



reconocimiento oficial de los territorios indígenas junto al Estado venezolano también conlleva a la necesidad de apropiación de los mecanismos burocráticos de reivindicación legal.

La directriz que orienta la inserción en la **red mundial de computadoras**, Internet, tiene múltiples direcciones. La apropiación de esa herramienta de comunicación debe propiciar la visibilidad de los pueblos indígenas, sus luchas y sus aportes al mundo. Esta directriz orienta la apropiación de su página web, publicada dentro de este proyecto de investigación-acción en junio de 2011, totalmente escrita por los representantes de los distintos pueblos: www.universidadindigena.org.ve. También sugiere la organización de listas de correos electrónicos y otras formas de participación en canales de comunicación web, como blogs y redes sociales. Los indígenas pasan a ser productores de información en la red, herramienta fundamental en las denuncias y reivindicaciones de las luchas de sus pueblos.

Otra directriz concierne a las **redes indígenas solidarias**. Estas redes indígenas fortalecen sobremanera a los pueblos y a las culturas originarias. Se refuerzan los vínculos entre las comunidades de la misma etnia y también entre las distintas etnias y otros grupos culturales, como los diversos movimientos indigenistas y la red de aliados. Es necesario articular redes indígenas de conocimiento. Internet todavía no llega a todas las comunidades. Por este motivo hay que definir qué otros instrumentos se pueden usar en el establecimiento de estas alianzas. Una de las alternativas sería promover la instalación de las radios comunitarias en las comunidades. Hay muchas otras soluciones viables para la comunicación como complemento de las formas tradicionales de comunicación.

La directriz de apropiación de las tecnologías para los **proyectos comunitarios de etnodesarrollo** deberá promover la interculturalidad, desde una visión consciente, autónoma y crítica de las propias comunidades indígenas. Los planos de estudio de la Universidad Indígena prevén la elaboración de proyectos comunitarios para mejorar la calidad de vida de las comunidades indígenas. Esta directriz está relacionada especialmente con las áreas demostrativas de producción agroecológica, y deberá enumerar y adecuar las herramientas tecnológicas para apoyar el desarrollo de estas actividades. Ella también se vincula a los proyectos destinados a adecuaciones, cuando necesarias, de las condiciones sanitarias y de alimentación en las distintas comunidades.

Para completar la enumeración de las directrices se señala la **sistematización de los procesos administrativos**. Se recomienda que la UIV adopte programas y soluciones en Software Libre, valorando las bases ideológicas de este movimiento, que se



fundamenta en la solidaridad y en compartir conocimiento, lo cual está muy relacionado con los valores indígenas. Esta directriz debe responder a la necesidad de una adecuada gestión tecnológica de los laboratorios de informática para atender el aumento significativo de la demanda de estudiantes indígenas, así como de los profesores y del cuadro administrativo. Estas demandas exigen la ampliación del número de computadoras, el mantenimiento técnico de estos equipos, la instalación de programas que se ajusten a las actividades académicas y administrativas, la capacitación sistemática y crítica de los estudiantes y el soporte técnico eficiente. En cualquier caso, no se puede olvidar que la prioridad debe ser el cumplimiento de los objetivos académicos vinculados al fortalecimiento cultural de las comunidades indígenas.

Se refuerzan las ideas que proponen que hay que promover el desarrollo de la conciencia de los pueblos originarios ante las amplias invasiones hasta dar prioridad al significado y importancia de la vida en sí. Entonces se puede seguir verdaderamente en el proyecto de valoración de estas culturas y en la discusión para una auténtica adopción de elementos y tecnologías foráneas. Las palabras de Kawanaru, Pemon (UIV, 2007), finalizan: *la idea es abrimos al mundo entero y usar las tecnologías, pero viendo con nuestros propios ojos, no con los ojos de los demás.*



Referencias Bibliográficas

- FORD, Anibal. (1994). *Navegaciones: Culturas Orales. Culturas Electrónicas. Culturas Narrativas*. En línea: <http://www.dialogosfelafacs.net/dialogosepoca/pdf/3802AnibalFord.pdf> . Consultado en abril, 2009.
- GARCÍA CANCLINI, N. (2001). *Culturas híbridas. Estrategias para entrar y salir de la modernidad*. Barcelona: Paidós.
- GARCÍA GUTIÉRREZ, A. (2011). *Pensar en la transcultura*. Madrid: Plaza y Valdés
- LENKERSDORF, C. (2008). *Aprender a escuchar. Enseñanzas maya-tojolabales*. México: Plaza y Valdés.
- MATURANA, H. y VARELA, F (2003). *El árbol del conocimiento*. Buenos Aires: Lumen.
- MIGNOLO, W. (2010). *Desobediencia Epistémica. Retórica de la Modernidad Lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Buenos Aires: Signo.
- THIOLLENT, M. (2004). *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez.
- VALENTE, J. A. (2002). *O computador na sociedade do conhecimento*. Org. J. A. Valente. Campinas: Nied-UNICAMP.

Datos etnográficos - Discursos - UIV

- UIV (2007). Entrevistas, relatos, testimonios y discursos colectados en la UIV. Octubre a diciembre, 2007. Caño Tauca, Venezuela.
- UIV (2009). Relatos, grabaciones y apuntes realizados durante actividades académicas de la UIV con los ancianos y líderes indígenas, estudiantes y coordinadores. Septiembre a noviembre, 2009. Caño Tauca, Venezuela.
- UIV (2010). Relatos, grabaciones y apuntes realizados durante actividades académicas de la UIV con los ancianos y líderes indígenas, estudiantes y coordinadores. Febrero a mayo, 2010. Caño Tauca, Venezuela.